

EXPERIÊNCIAS DE LEITURA NO ESPAÇO HOSPITALAR: OS ENCANTOS DE SYLVIA ORTHOF NAS BORDAS DA FORMAÇÃO LEITORA

Glaucia Silva de Moura¹

A escolha do tema leitura tem suas raízes em minha experiência acadêmica intensamente vivida no âmbito da extensão universitária, quando agente de leitura do projeto de extensão Rodapalavra². Durante esse período contei histórias para crianças que se encontravam no setor de oncologia e cardiopatia do hospital Santa Isabel em Salvador. Instituição privada, mas que atende pacientes do SUS de forma considerável. As leituras versavam entre clássicos da literatura infantil, contos e poesias. Dentre muitas questões com as quais me deparai no decurso dessa experiência, uma, especialmente, chamou a atenção: a preferência pelos textos da renomada autora infantil Sylvia Orthof por parte das crianças hospitalizadas e de muitos pais/acompanhantes. Não obstante, o objetivo do projeto que era a formação de leitores percebia que havia um deleite diferenciado quando se contava as histórias de Orthof. Fiquei inquieta para descortinar o que existe na literatura infantil dessa autora que encanta as crianças hospitalizadas.

Deste modo, esse texto configura-se numa reflexão acerca do contexto dessa parte da infância, uma infância hospitalizada, e no que concerne a formação de leitores no ambiente hospitalar, através dos estudos da literatura de Sylvia Orthof.

1 Os encantos de Sylvia Orthof no hospital

Atriz, escritora, diretora, cenógrafa, manipuladora de fantoches e dramaturga, de uma criatividade indiscutível, Sylvia Orthof nasceu no Rio de Janeiro em setembro de 1932, filha de pais austríacos, fazia teatro em período de ditadura militar e já encantava a todos aos 15 anos interpretando “Julieta” de Shakespeare. O teatro foi sua grande paixão adolescente. Mais tarde, através da “paixão por paixões, que me envolvi com os

¹ Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

² Projeto de extensão que se constitui em um grupo de formação de leitores literários que atua no Campus I da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) em duas frentes distintas, porém complementares, a saber, atividades de Contação de Histórias e os Círculos de Leitura. Coordenado pela profª Drª Verbena Maria Rocha Cordeiro

livros” afirma Sylvia em “*Livro aberto: confissões de uma inventadeira de palco e escrita*” uma espécie de autobiografia da autora.

Em 1975, a sua peça “A viagem de um barquinho” é premiada e tem seu texto teatral publicado. Essa viagem por “um rio azul, de pano, um rio de faz-de-conta...”, como descreve nesse livro que tem o mesmo nome da peça, é a porta de entrada para o mundo da literatura infantil. A autora escreve com alma infantil e encanta a todos brincando com as palavras ou como confessa em sua autobiografia “... me apalhaçava em palavras quando escrevia”.

Orthof faleceu em julho de 1997, aos 65 anos, vítima de um câncer. Foi embora, fez sua viagem para outra parte da sua história dizendo “*a saudade é coisa tanta espanta; a saudade é coisa a toa avoa...*” trecho dos últimos escritos encontrados pouco depois da morte da autora, que nos deixou mais de cem livros, 10 textos teatrais, 01 vídeo e 04 discos.

Ler Sylvia Orthof é como mergulhar no fundo do mar e lá descobri outras tantas águas para deleitar-se. A diversidade de títulos, personagens, a abundância de temas, gêneros, o cômico e o lúdico, presença constante em seus textos, são de fato riquezas indiscutíveis em sua obra. É possível perceber uma dose de sátira, comicidade, movimento, suspense, encantamento, faz-de-conta, além de muita criticidade.

Durante muitos anos, a literatura infantil foi caracterizada como moralizante e pedagógica que se embasava numa concepção de criança despreparada, sem saberes devendo ser “preenchida” pelo adulto. No entanto houve uma preocupação de muitos autores em produzir uma literatura mais crítica, menos didática, mais atraente e menos pedagógica para os jovens leitores. Sylvia Orthof é uma dessas autoras.

É por meio da comicidade usada para criticar os problemas, a realidade, descobrir verdades e provocar o riso, que a autora entra em contato com o seu público, mexendo com o imaginário das crianças, e também de muitos adultos que se permitem ser crianças ao se divertirem com o açúcar, sal e pimenta orthofiano. Outra característica muito marcante é o nonsense na sua obra, a linguagem com fortes marcas da oralidade, a animização da natureza, a sexualidade, tudo com naturalidade, de forma adocicada e com muito humor, tornando seus textos únicos e reafirmando o estilo orthofiano de ser. Diferente do “era uma vez” e “felizes para sempre” Sylvia brinca, faz paródia com os contos de fadas.

É possível perceber algumas dessas características marcantes em *Uxa, ora fada, ora bruxa*, livro de Orthof, considerado como um dos maiores clássicos da literatura

infantil brasileira. A autora narra a história de uma bruxa com dupla personalidade, ora acredita ser bruxa e ora ser fada, mas com características invertidas das quais costumamos encontrar nos contos de fada. A bruxa faz bondades, gentilezas e doçuras e a fada apronta como uma boa bruxinha. Esse era um dos textos mais solicitados pelas crianças hospitalizadas durante o percurso no projeto. Era comum escutar no leito “*Trouxe aquela da bruxa e fada...*” ou ainda “*Eu quero a história da uxa...*”.

Outro livro de Orthof muito solicitado e que as crianças vibravam com a leitura era “*Maria vai com as outras*”, que conta a história de uma ovelha chamada Maria que sempre fazia o que todas as outras ovelhas faziam. Mas, como na literatura de Orthof a regra é quebrar a regra, numa parte da história quando todos esperavam que a ovelha Maria pulasse do alto da montanha, ela “viu que andava enganada, entrou num restaurante e comeu uma feijoada”. A excentricidade é presença garantida na obra desta autora, assim como é impressionante a conexão entre autora e as crianças que vibram com o inesperado na obra de Orthof.

No percurso do projeto Rodapalavra, conheci Léo (nome fictício), 9 anos, ao falar do trabalho de contação de histórias não fui bem recebida. Léo disse “não quero nada, não quero ver ninguém...”. Seu olhar fixava o chão daquele quarto de hospital, suas mãos balançavam o lençol, ele possuía uma perna, a outra fora amputada em decorrência da sua enfermidade, câncer. Eu insisti novamente, senti que conseguiria sua atenção, porém se dessa vez rejeitasse eu o deixaria descansar e retornaria numa próxima oportunidade.

Leo aceitou a história, mas ficou bem sério, pois parecia sentir dor. Estava com duas histórias “*Tumbune, o vaga-lume*” de Sylvia Orthof e “*O Peixe Pixote*” de Sônia Junqueira, li o título das duas e perguntei qual ele gostaria que eu contasse. Leo escolheu a história Tumbune, que narra a história de um vaga-lume que vive apaixonado por tudo que acende, uma história cheia de rimas, aventuras e muito humor. Ao final da história ele já estava sorrindo quando relatou a sua mãe “*Gostei! Esqueci até a dor mãe...*”. Era impressionante perceber a força da literatura infantil agindo sobre o seu imaginário, revigorando, ainda que por um período curto de tempo, o seu corpo tão debilitado pela enfermidade. A leitura nutre a alma e movimenta o imaginário, além do mais:

Todos nós humanos, especialmente as crianças, temos uma incomensurável necessidade de fantasiar, de imaginar, de criar mundos. Nesse sentido, a

literatura pode ser um espaço privilegiado para que a criança, por meio do faz-de-conta, vivencie sua forma primordial de ser e estar no mundo, ou seja, brincar.(FARIA, 2004:55)

A importância de ressignificar o espaço hospitalar de forma lúdica e contextualizada possibilita a criança fazer a ponte entre a leitura e a sua vida antes da sua internação, vida com mais movimento, alegria, prazer, brinquedos e brincadeiras. Assim, cria-se uma possibilidade de trazer o mundo de fora do hospital para dentro deste, isso fazendo uso de uma escuta sensível e pedagógica. O termo escuta, segundo as ideias de Ceccim, provém da psicanálise e possui diferença da audição, pois:

Enquanto a audição se refere à apreensão/compreensão de vozes e sons audíveis, a escuta se refere à apreensão/compreensão de expectativas e sentidos, ouvindo através das palavras as lacunas do que é dito e os silêncios, ouvindo expressões e gestos, condutas e posturas. A escuta não se limita ao campo da fala ou do falado, [mais do que isso] busca perscrutar os mundos interpessoais que constituem nossa subjetividade para cartografar o movimento das forças de vida que engendram nossa singularidade. (CECCIM, 1997: 31).

É preciso um olhar e atenção à criança hospitalizada, pois apesar de está acometida a uma enfermidade a vida continua, pois a vida de um ser humano não se resume à saúde, a criança, especialmente, precisa ser entendida de forma integral e integrada a outras áreas de conhecimento. Mesmo necessitando de cuidados mais específicos a criança continua em pleno desenvolvimento intelectual, numa busca constante pelo desejo de viver, por sua saúde, e aprender tem relação com a construção de si e do mundo. A criança não tem apenas necessidades clínicas é necessário reconhecer que existem outros aspectos que possuem a mesma importância no agravamento ou restabelecimento da sua saúde.

2 Criança-paciente: formando leitores

Durante muitos séculos a criança não foi considerada como um ser, “sem movimento na alma, sem forma reconhecível no corpo” (Ariés, 1981), no máximo um adulto em miniatura. A infância, inexistia, não era como hoje a conhecemos, inexistia um amor materno, amor familiar à criança da forma que existe hoje, tão pouco a Pediatria.

O espaço do hospital mostra-se como marca indelével de ruptura em todos os níveis de vida da criança. A criança é separada de seus irmãos, de seu pai e, principalmente, de sua mãe, rupturas inevitáveis, algumas; outras criadas pela própria

lógica de pensar a saúde e a doença e por esforços institucionais quase inaudíveis de reconstituir e religar a continuidade perdida. Com relação a esta continuidade, no período em que participei do projeto de extensão Rodapalavra tentava através das contações despertar o gosto pela leitura, estimular a leitura, formar novos leitores e amenizar a dor que por dado momento era esquecida.

Contei diversas vezes histórias no hospital, ambiente frio e solitário. Ao longo das contações de histórias percebi um gosto pela leitura em muitos. As narrativas de Sylvia Orthof começaram então a me inquietar pela constante busca e desejo das crianças por esses textos, pelo riso constante distribuído durante e após contação e pela participação expressiva dos acompanhantes durante a contação.

Os encantos de Sylvia ultrapassaram os leitos, estendeu-se aos acompanhantes e pais, uma leitura que tem sucesso garantido entre as crianças hospitalizadas e seus pares. De que acordo com Alice Áurea Penteado Martha a sua formação em teatro inspira a sua obra descortinando o segredo de tanto sorriso:

A escritora se vale, com persistência, dos recursos desencadeadores do riso para recriar situações absurdas que, ao provocarem a diversão, permitem, ao mesmo tempo, que os leitores reflitam sobre a realidade que os circunda. (MARTHA, 2004: 186)

O texto orthofiano conquista o público pelo sorriso, pelo inesperado como em muitas situações que ocorreram na sua agitada vida de atriz pelos palcos do teatro e pelo teatro da vida. As crianças constituíam-se leitoras com a mediação leitora dos adultos, “somente aquele que lê e que ama os livros capaz de formar outros leitores” (FARIA, 2004:57). Através da solicitação das histórias dessa autora e por vezes pelos empréstimos dos livros para uma segunda leitura ou, dependendo da faixa etária, uma pseudoleitura, as crianças começavam a criar hábitos de leitura, a solicitar outras tipologias textuais como gibis, revistas infantis e ainda solicitar aos pais a compra de livros de história. “Você tem aí a Mônica e o Cebolinha?” (João, 8 anos).

Diante deste contexto hospitalar a literatura é entendida como uma aliada na formação de sujeitos leitores que se encontram hospitalizados, pode ser também humanizadora e amenizar a dor física e emocional. A literatura Infantil de Sylvia Orthof especialmente, nesse contexto se apresentou como instrumento de formação de leitores, associada também aos processos educacionais formais e não formais, pois:

Como objeto que provoca emoções, dá prazer ou diverte e, acima de tudo, modifica a consciência de mundo de seu leitor, a literatura infantil é arte. Sob outro aspecto, como instrumento manipulado por uma intenção educativa, ela se inscreve na área da pedagogia. (COELHO, 2000:46).

Conforme esta ideia e pensando no Brasil, um país em que o livro não é um objeto que faça parte dos hábitos da grande maioria da população, a formação de leitores se impõe como uma necessidade para a construção de indivíduos conscientes de sua condição no mundo, de seu papel social, capazes de produzir sentidos e se inserir nas mais variadas formas de discurso, ou seja, para a formação de um sujeito, um ser implicado no mundo. Nessa perspectiva o livro e a leitura aparecem como elementos indispensáveis, para a inserção do indivíduo nos processos de produção de conhecimento em qualquer grupo cultural, sendo também a literatura infantil de Sylvia Orthof uma importante ponte na constituição de sujeitos leitores e críticos, já que esta autora preocupa-se também com as questões sociais.

Considerações finais

Adoecer faz parte da vida, mas quando é uma criança que está envolvida nesse processo de adoecimento, internação, as perdas são marcantes, a sua infância fica comprometida. Afastam-se os brinquedos, objetos pessoais, amigos ficam mais distantes, parentes, escola, comida preferida, passeios e etc. O mundo de dentro do hospital passa a ser o seu mundo. A experiência de adoecimento e hospitalização implica mudar hábitos, a rotina passa a ser a rotina do hospital com procedimentos invasivos, muitas vezes dolorosos, e ainda a companhia constante do medo da morte.

Através da literatura infantil é possível formar leitores críticos e politizados, principalmente a partir do contato com obras de qualidade como a de Sylvia Orthof que aguça a imaginação infantil, a problematização além de ser lúdica e de muito bom humor.

A literatura de Orthof, igualmente importante nos processos da formação permite colocar o sujeito, de acordo com as ideias de PAULINO (2004) diante de uma linguagem singular, ao apostar em um mundo recriado que consubstancia o desenvolvimento de forma subjetiva, permitindo desenvolver, no nível da subjetividade habilidades que não ficam exauridas no momento da leitura propriamente dita.

É por tudo isso, por oferecer algo diferente do costumeiro é que a sua obra ganha força e é capaz de despertar a curiosidade e o imaginário das crianças e adultos que refletem, criticam, sonham, brincam e não tem medo de liberar-se das convenções, padrões e se libertam em novas posturas através da literatura infantil orthofiana.

Referências

ARIÈS. Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

CECCIM, Ricardo Burg. *Criança hospitalizada: a atenção integral como uma escuta à vida*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1997.

CORDEIRO, Verbena Maria Rocha; MORENO, Luciana; MAGALHÃES, Hildete. *RODAPALAVRA*. Campinas, SP: Seminários de Literatura Infantil e juvenil – COLE, 2005.

FARIA, Vitória Líbia Barreto de. Memórias de leitura e Educação Infantil. In: SOUZA, Renata Junqueira. (org). *Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo: DCL, 2004.

JUNQUEIRA, Sônia. *O peixe pixote*. São Paulo: Ática, 2007.

MARTHA, Alice Áurea Penteado. O tempo, de óculos, requebra numa bengala: Sylvia Orthof e a velhice. In: CECCANTINI, J. L. C. T. (org). *Leitura e Literatura infanto-juvenil*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2004.

ORTHOF, Sylvia. *Livro Aberto: confissões de uma inventadeira de palco e escrita*. São Paulo: Atual, 1996.

_____. *A viagem de um barquinho*. São Paulo: moderna, 2002.

_____. *Maria vai com as outras*. Ilustrações de Sylvia Orthof. São Paulo: Ática 1996.

_____. *Uxa, ora fada, ora bruxa*. Ilustrações de Tato. São Paulo: Nova Fronteira, 2003.

_____. *Tumbone, o vaga-lume*. São Paulo: Ática, 1995.

PAULINO, Graça. Saberes Literários como Saberes Docentes. In: ABRAHÃO, Maria Helena (org.). *A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

SILVA. Vera Maria Tietzmann (org.). *Ora fada, ora bruxa: estudos sobre Sylvia Orthof*. Goiânia: Câne editorial, 2006.